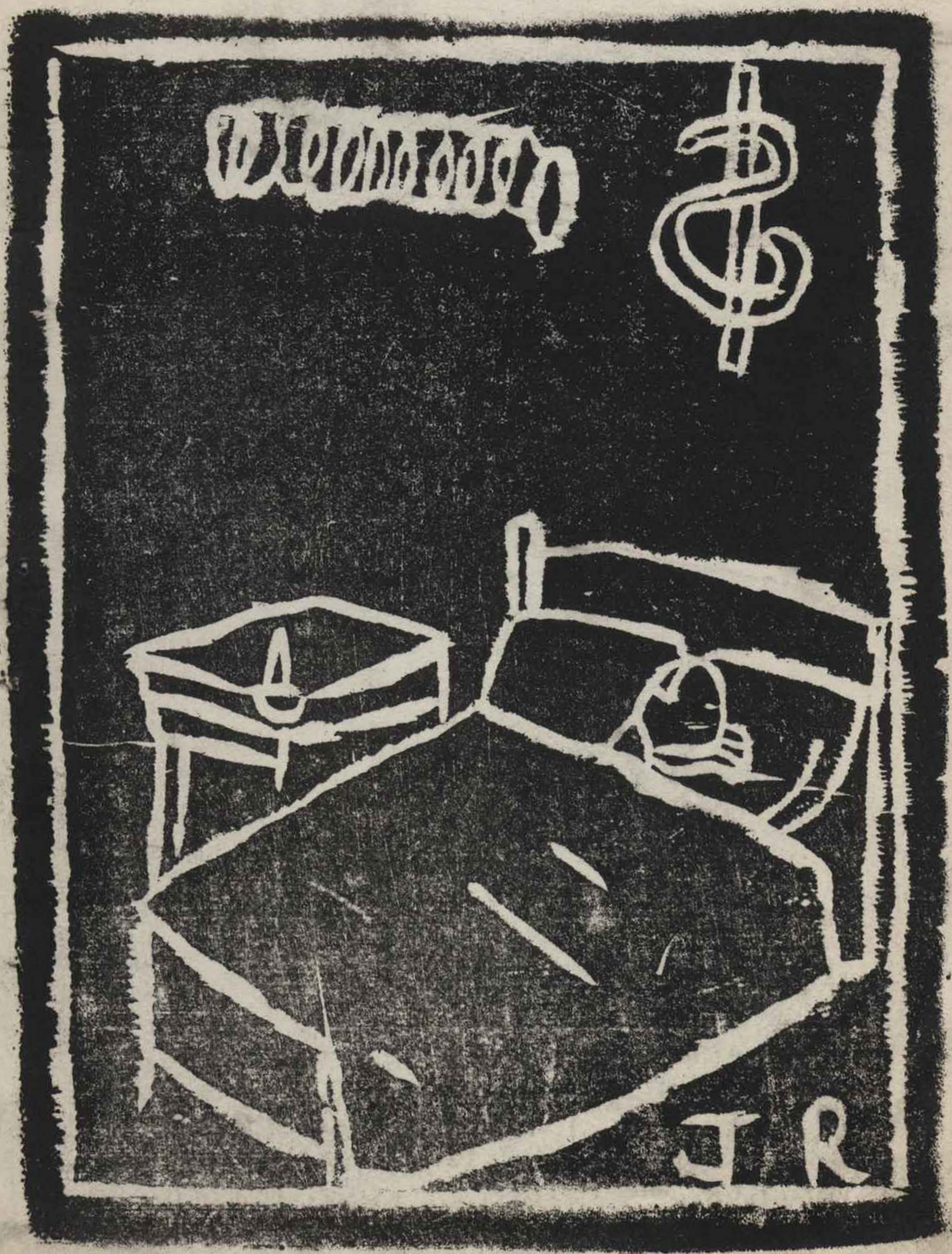
AUTOR JOTA RODRÌGUE

DÌNHEÌRO É A MOLA DO MUNDO

E A MORTE Ê A JUSTÍÇA BOA



I

A meos Prezados leitores
Qui meos fracaços Perdoa
Ai vae mais um exemplo
Qui em meu pençamento zoa
Discrevo a verdade a fundo
Dinheiro é a môla do mundo
E a mõrte é a justiçia boa

A morte manda e nao pede
Leva e nao tem Portador
Leva o rico leva o pobre
Nao tem dístinçao de cor
É um invizivel mençageiro
Qui sobre o universo inteiro
Por justiçia deus deixor

Quem dela escaPa em criança
Na velhiçe se vai atoa
E na terra ninguem se esconde
Da morte justiçia boa
Qui com sua foiçe amolada
Corta as nucas da moçada
Noite e dia nao se enjoa

É um guerreiro valente
Qui nao come bebe ou dorme
Nao uza jóia ou pintu.a
Moda ou rouPas disconforme
E quem cai na sua ponteira
Roua e nao tem choradeira
Vai sem descupas ou conforme

E ninguem conçegue fujir
Da mira deste guerreiro
Qui descobre suas vitimas
Como uma agulha em palheiro
E nos ares na terra ou naguá
Com um sopro frio elã apaga
O seu convidado Primeiro

E no silencío da noite
Ou entre as grandes zoada
Ela chega de mançinho
Sem Por ninguem ser notada
E sem ouvir rougo ou assunto
Ela fais mais um Prezunto
Com sua foíçe afiada

E muintas veis a questão
É de pequeno valor
De dois a treís mil cruzeiros
Para o trabalhador
E o industriuaro malvado
Gasta cem com o adevogado
Cheio de orgulho e rancor

E quando um industriario
Demite um trabalhador
Pra não pagar seus direitos
Da um golpe do estoPor
Contrata um adevogado
para comer do coitado
O suou quì derramor

O rico capitalista
Tem tudo em suas mão
Tem dinheiro tem amigos
Tem vitoria em toda questão
Porem a morte chegando
Ele gemendo ou chorando
Vai pra debaicho do chão

Ea negra fome invade
O lar do pobre operario
por ter perdído os direitos
Para o patrão uzurario
Qui ao pobre treis não pagor
Mais com adevogado gastor
Cem milhoés em honorario

Mais para fazer justicia
Dona mõrte da seu jeito
Embarca nos altomõvel
Destes fidalgos imPerfeito
E o luxuozo carrão
Pérde os freios ou direçâo
F faís um desastre perfeito

E com toda aquéla riqueza
Qui o Industriario tem
Vai elé pra os hospitais
peías maos do zé ninguem
Com perna e braço quebrado
E Por dentro todo estouiado
Gemendo igual um nènem

E por ter muinto dinheiro
Eíe è muinto bem tratado
Em leitos Particulares
Com uns doze medícos ao seu lado
mais na sua cabeçeira
Dona mõrte justiceira
ja esta com o laço preparado

E pelos graves ferimentos
Todo sangue ele Perdeu
E os mediccos para salvalo
Fais tudo quanto aprendeu
Le õPéra e fais transfuzâo
Com o sangue de um pobretao
Sõfrido ôperario seu

Ur inando pela sonda
E bebendo por borrachinha
Soupa. o caldos de légumes
De chuchu e senourinha
E entre as dores e agonia
Gasta treis milhões Por dia
Mais Pra o õperario nâo tinha

Em apartamentos de luxo
Nos melhores hospitais
Tem vizitas todas horas
Dos outros industriais
pòrem a mõrte ali perto
Ja espera com o livro aberto
Os seus susPiros finais

passa dia passa meis
E as dores vão almentando
E no balão de õkgenio
O rico vai se acabando
Roncando e em desespeiro
E ja vendo em seu traveçeiro
A mõrte fria o chamando

E para salvar sua vida
Todo esforço foi em vão
O sangue groço entuPiu le
As veias do coração
E o nome do industriario
Se aPaga nos calendario
Sem choro e sem apêlação

E Pra seus famíliares
Fôrte desgosto os magoa
Por gastar rios de dinheiro
Com a mèdiçina atoa
E réconhêce num segundo
Quí dinheiro è móla do mundo
E qui a morte è a justicia boa

E qui isto sirva de liçao
para os patrões uzurarios
Qui négão o justo direito
Aos umildes opérarios
Em tróca do seu carrão
A mórte trais le um caíxão
Com os enfeites funérarios

E é ésta a verdade pura
E doa em quem doer
dinheiro nâo compra a mõrte
Nem faìs defunto viver
E vou contar mais um èxemplo
De um fazendeiro avarento
Qui eu cheguei a conhecer

morava em riacho fundo
Nu sertâo Pênambucano
Este fòrte fazendeiro
Orgulhozo e dezumano
Chamado juaquim ranor
Mètìdo a conquistador
Dêpravado e léviano

Vivia maritalmente
Com mais de doze mulhé
Filhas dos põbres roçeiros
Qui aPanhavâo café
O malvado as sèduzia
E as inoçentes caia
Nas labias do luçifè

Tinha fama e carta branca
Naquela jurisdição
Nào frequentava as igrejas
Nem ajudava a um cristâo
Tinha dinheiro e riqueza
Ganhados com esperteza
E tomando na lei do cáo

E çêrto día em sua Porta
Chega um emPrègado seu
Gritando patrão me ajude
Précizo de um auxilho seu
pra lêvar minha senhòra
Numa farmacia qui agõra
Uma còbra a òfendeu

Minha mulhê esta gravida
Nos dias de da a lúz
Faça me esta caridade
Por deus pai qui nos conduz
Lêve éla a um dotor
Para livrala da dõr
pelo o amor de jézus

O fazendeiro responde
Eu nada Posso fazer
Vais pedir ao teu jèzus
Qui talves põssa te valer
pois se ele è teu amigo
Te livrarar dos perigo
mais só eu vendo Pra cre

E depois eu nào tenho carro
Para transportar doente
pèdes ao teu bom jêzus
Qui ê teu amigo êxelente
Meu carro è pra meu esporte
Na vìda vençe o mais forte
E quem fo fraco se arêbente

Érão seis horas da tarde
A noite escureceu
E na caza do fazendeiro
Vem outro emPregado seu
Gritando corra Patrão
Qui lévaro seu caminhão
E pelas montanhas desçeu

E o fazendeiro dis
Voçe ta doido varrido
Na sèrra nao tem caminho
pois nunca foi construido
E o home jura ao patrão
Qui dirigia o caminhão
Um jóve de cabelos comPrido

E passando agela converça
Os dois homem foi embora
E por caminhos diferente
Seguiro de estrada a fora
E na casa da mulher doente
Chega o marido discontente
E não vendo a espoza chòra

E como um alucinado
Gritando o home inromPeu
O deus de mizéricordia
Minha mulhê ja morreu
mais naquele curto espaço
Com um filhinho no braço
A mulhè le apareçu

E abraçando o marido
Dis ou querido nao chõra
Tou chegando do hõspitaí
E o caminháo ta la fòra
Vamos da para o chofê
Este porquinho baiê
Qui ê tudo qui temos agõra

E Pegando o Porco lêvaro
Diréto ao caminhao
mais na frente da cazinha
Vir ao com adimiraçâo
Qui do carro nao tinha nada
Nem rastros e nem zuaba
E nem Pueira no estradào

E lògo réconhecero
Ser um milagre divino
pois o caminhão qui èra
Do fazendeiro crètino
Da garaje nao saiu
Mais por jézús conduziu
A mulhér em dèzatino

E na caza do fazendeìro
No outro dia cedinho
Encontraro na varanda
Um importante bilhetinho
Qui dis juaqim ranor
Sua estrela se aPagou
E procure outro caminho

pois toda aquela fortuna
Qui juaqim arnor Poçuia
Não avia documentos
E muinto imPostos devia
O estado o apertou
E o governo confiscou
Seu patrimonio e a moradia

E vendo se pobre e na rua
Sem ter em quer se agarra
Juaqim sai de porta em porta
Ja Paçando a mendingar
Olhando o Qui foi seus bems
Sem carro mulher e sem vintem
Em dezesPeiro chóra

Rua a baixo e rua acima
O Pobre juaqim dísìa
Derem esmola a um coítado
RestoIho da fidalguía
inditozo fazendeiro
Gurdiã velho e sem dinheiro
Um exemplo da tirania

O Pobre juaqim morreu
Lìzo leprozo e atoa
Vitima de um forte orgulho
Elos qui nos ventos voa
inspireime neste orgulho fundo
Repito dinheiro é mola do mundo
A morte e a justicia boa

Fim

2872